A REVISTA QUE EXISTE PARA ALÉM DE SUAS PÁGINAS

Uma revista científica parece ser feita daquilo que publica. No caso da *Interciencia*, Artigos, Comunicações e Ensaios ocupam suas páginas; nós os contabilizamos, citamos, acompanhamos seu impacto e sua presença em bases de dados e avaliamos, a partir deles, parte da trajetória da publicação. Entretanto, muito do que permite que uma revista exista não aparece em nenhum desses registros.

Há mais de duas décadas, um editorial desta revista chamou os pareceristas de seus "heróis ocultos", em reconhecimento àqueles que dedicam conhecimento, tempo e rigor à avaliação de manuscritos sem que seus nomes acompanhem os trabalhos publicados. Aquela reflexão alertava que a continuidade de uma revista depende de inúmeros fatores e de muitas pessoas invisíveis para seus leitores. Os pareceristas eram — e continuam sendo — parte essencial desse mundo invisível. Mas não estão sozinhos.

Entre o manuscrito que um autor submete e o trabalho que finalmente chega ao leitor, existe um universo que quase nunca se vê. Nele estão a análise inicial e as decisões editoriais; a busca, muitas vezes difícil, por especialistas dispostos a avaliar; seus pareceres; as respostas dos autores; as novas versões e, em algumas ocasiões, novas avaliações. Algumas dessas histórias terminam em publicação. Outras não. Mas ambas exigiram tempo, conhecimento e trabalho que nenhuma página chegará a registrar.

Até mesmo um manuscrito rejeitado pode levar consigo algo de uma revista. Uma observação pertinente, uma fragilidade metodológica identificada a tempo ou uma avaliação rigorosa podem aprimorar uma pesquisa que, posteriormente, será publicada em outro lugar. Essa contribuição nunca será atribuída à revista que participou do processo. Não haverá uma citação que a contabilize, nem um indicador que a reconheça. Ela desaparecerá de sua história visível.

Quando um trabalho é aceito, começa outra forma de invisibilidade. É necessário revisar, corrigir, padronizar, conferir referências, preparar tabelas e figuras, trabalhar os textos nos idiomas da revista, realizar a diagramação e revisar novamente. O trabalho editorial não termina com a aceitação, mas somente quando cada página alcança a forma em que chegará ao leitor.

Entretanto, existe uma realidade ainda mais fundamental que raramente faz parte das discussões sobre qualidade científica: uma revista também precisa sobreviver. O rigor editorial, por si só, não cobre os custos de uma publicação, assim como a qualidade dos manuscritos não garante os recursos necessários para produzi-la. Quando não há subsídios, alguém precisa buscar os meios que permitam a existência da próxima edição. Captar recursos e administrar os disponíveis não produz conhecimento científico nem deixa uma assinatura em um trabalho publicado, mas permite que esse conhecimento encontre um espaço onde possa ser publicado.

O processo tampouco termina aí. Diagramar significa transformar textos, tabelas e figuras nas páginas que o leitor reconhecerá. Depois, cada nova edição precisa ser incorporada ao ambiente digital e disponibilizada ao público. O que parece acontecer de maneira simples — uma página organizada, um trabalho acessível com um único clique — esconde um trabalho que se torna menos visível quanto melhor é realizado.

A *Interciencia* incorpora, além disso, uma colaboração que faz parte de sua identidade e não é comum a todas as publicações científicas. Há anos, obras de artistas da América Latina e do Caribe acompanham nossas edições, graças a artistas e galerias que generosamente autorizam sua reprodução. Elas não constituem um elemento meramente ornamental: mantêm aberta, ao lado da divulgação da ciência e da tecnologia, uma janela para outra expressão da criatividade de nossa região.

Por trás de cada edição, convergem o trabalho editorial, a administração, a diagramação e a gestão do portal digital, juntamente com as contribuições de autores, pareceristas e, em nosso caso, artistas e galerias. Todos fazem parte de uma construção coletiva muito mais complexa do que a soma dos trabalhos publicados. Alguns nomes ficam registrados; outros não. Algumas contribuições podem ser medidas; outras desaparecem depois de cumprirem sua função.

Vivemos em uma época inclinada a medir a atividade científica. Contabilizamos publicações, citações, downloads, índices e indicadores. São referências necessárias, mas existe o risco de confundir aquilo que podemos contar com tudo aquilo que tem valor. Quantas horas existem por trás de uma edição? Quantas decisões, mensagens, correções, buscas, revisões e atividades de gestão que o leitor jamais conhecerá? Quantas pessoas fizeram algo necessário para que uma página chegasse a existir e nunca aparecerão nela? Não temos um indicador para isso. Talvez também não precisemos de um.

Uma revista tem uma história visível, preservada em seus volumes e páginas, que pode ser consultada, citada e medida. Existe outra, feita de tempo, conhecimento, decisões, persistência e colaboração, que não fica registrada da mesma maneira.

Uma história está em suas páginas. A outra tornou possível que essas páginas existissem.

Ana Raquel Picón Ávila
Editora (E)
INTERCIENCIA